

UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DESENVOLVIDO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rafaelly Delmira Saraiva Albuquerque¹; Ivanilza de Souza Beserra²; Francileide Batista de Almeida Vieira³

(Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), vinculado ao Departamento de Educação do Campus Avançado "Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. rafaellydelmiraalbuquerque@gmail.com)¹

(Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), vinculado ao Departamento de Educação do Campus Avançado "Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Ivanilza2010@hotmail.com)²

(Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. leidaalmeid@hotmail.com)³

Resumo: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino importante para educação, devido a grande quantidade de jovens e adultos que não tiveram um percurso escolar na idade devida, na modalidade de ensino regular, causados, dentre outros aspectos pela dificuldade do professor em manter esses alunos na escola. Com a realização deste trabalho, buscamos compreender melhor as práticas de ensino direcionadas para esse público. Nosso objetivo é compreender essas práticas de ensino na EJA e como elas podem contribuir para permanência desses alunos na escola e para uma melhor qualidade de vida desses discentes. Nossa metodologia será focada na análise de um caso de ensino, construído de acordo com observações feitas durante as aulas, ministradas na sala de aula que a aluna pertence. No primeiro momento faremos uma apresentação do caso de ensino, em seguida contextualização sobre a EJA e por fim faremos uma discursão sobre as práticas de ensino na EJA, buscando sempre uma reflexão sobre as nossas práticas de ensino a fim que os alunos da EJA consigam alcançar seus objetivos com o estudo. Com esse trabalho abre-se uma oportunidade para analisar através de um caso de ensino, relatado por uma jovem, como podemos pensar sobre os dilemas enfrentados pelos educandos e pelos professores de EJA, que por vezes, não conhecem sequer a realidade do público dessa modalidade de ensino. Buscamos, através da literatura, refletir sobre o ensino e a aprendizagem na EJA, a fim de discutir quais são as melhores metodologias para se trabalhar com esses estudantes.

Palavras-chave: EJA, Ensino, Práticas de Ensino.

1. INTRODUÇÃO

O nosso trabalho abordará sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sabemos que existem inúmeros problemas na educação brasileira, principalmente para aqueles que não concluíram a educação básica, abandonando os estudos por algum motivo. Esse público por muito tempo ficou posto em segundo plano, às margens da sociedade por não ter escolarização e sem direito a uma educação digna e de qualidade.

Com esse trabalho abre-se uma oportunidade para analisar através de um caso de ensino, relatado por uma jovem, como podemos pensar sobre os dilemas enfrentados pelos educandos e pelos professores de EJA, que por vezes, não conhecem sequer a realidade do público dessa modalidade de ensino. Buscamos, através da literatura, refletir sobre o ensino e a aprendizagem na EJA, a fim de discutir quais são as melhores metodologias para se trabalhar com esses estudantes.

Elaboramos um relato de um caso de ensino real, que nos ajudará com o enredo da nossa proposta. Esse caso de ensino foi relatado por uma jovem da qual fez parte da nossa infância, ou seja, com vínculos de amizade, porém com grande riqueza de detalhes sem comprometer a privacidade dos envolvidos. Importante ressaltar que ele não foi colhido em uma única situação de escuta, mas relatado ao longo de diversas conversas por telefone ou simplesmente presencialmente que a ajudava a enfrentar os momentos difíceis. Reunimos os detalhes do relato e escrevemos como nossas palavras, colocando nomes fictícios a todos os personagens dessa narração, inclusive o nome da escola. Por conseguinte, uma exposição de um breve relato sobre o ensino voltado para pessoas adultas sem escolarização, tomando como partida o período em que o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) iniciou até os dias atuais culminando com o surgimento da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

2. METODOLOGIA

Para a realização da nossa pesquisa, escolhemos um caso de ensino para nortear as nossas discussões. Trata-se de um caso real, para o qual foram escolhidos nomes fictícios com o intuito de resguardar a identidade dos participantes. Está inserida na abordagem qualitativa de pesquisa, pois tal como defende Oliveira (2008, p. 07), o “[...] pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico da tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humano”.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), os métodos qualitativos têm a finalidade de explicar o porquê das coisas, ressaltando o que convém ser feito, mas não quantificam os valores nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados se valem de diferentes abordagens. Quanto aos casos de ensino, estes têm sido apontados como alternativas que possibilitam processos de formação e de pesquisa, por proporcionarem excelentes condições de análise e de reflexão sobre fatos do cotidiano (DUEK, 2011).

Abaixo apresentamos a transcrição integral do referido caso de ensino, narrado por nós, como observadores da história de Maria, o qual norteará as discussões ao longo do trabalho.

Maria é uma adolescente que estuda na Escola Municipal Joaquim de Alencar, situada na cidade de Cajazeiras-PB, que está, mais uma, vez tentando voltar a estudar. Repetente várias vezes durante o ensino fundamental, foi obrigada mais uma vez a deixar seus estudos por causa de uma gravidez na adolescência. Filha de pais separados, Maria

desde pequena nunca teve muito gosto pelos estudos, mesmo sua mãe a obrigando a ir à escola. Com 16 anos ela ainda estava no sétimo ano do fundamental.

Com essa mesma idade engravidou, foi colocada para fora de casa e foi viver com o namorado que também é menor de idade, deixando os estudos de lado. Depois que a criança nasceu, ela se separou, voltou a morar com a mãe e fez novamente sua matrícula na escola, só que, dessa vez, na EJA, Maria agora tenta conciliar sua vida com os cuidados que precisa dispensar ao filho, um subemprego que conseguiu durante o dia e as aulas à noite. Sua vida não é fácil. Durante o dia, deixa seu filho com a avó que já é aposentada, para poder trabalhar e ajudar com as despesas da casa, que agora são maiores. O pai da criança ajuda como pode, pois, assim como Maria, não tem um emprego fixo. O sonho de Maria é tornar-se enfermeira, profissão que desde os tempos de criança falava em exercer.

Na escola, a disciplina que mais gosta é a de Ciências, principalmente quando voltada a assuntos como corpo humano e saúde. Isso se deve ao fato do desejo de ser enfermeira. As outras disciplinas é como se carregasse um grande peso, pois não tem paciência para a matemática, muito menos para as regras da língua portuguesa. As disciplinas de história e geografia parecem mais um museu ou enciclopédia do que aulas propriamente ditas. Porém, o que gosta na escola é a flexibilidade do horário, pois é só o tempo de sair do trabalho e chegar na escola, porém muitas vezes só chega em casa na hora de dormir. Muitas vezes, ela já pensou em desistir e essa ideia sempre passa pela sua cabeça por achar não ser capaz de realizar o seu sonho.

A pessoa que lhe incentiva na escola é o seu professor de Ciências, chamado de Jurandir. Além de gostar da disciplina ela gosta do professor, pois diz que ele acredita no seu potencial e que nunca é tarde para se recomeçar. Ela não vê os demais professores com o mesmo brilho em ensinar, pois as aulas parecem por demais monótonas e chatas e não consegue compreender qual a ligação delas com o seu dia a dia. Diante dessa situação, como incentivar Maria a prosseguir com os estudos, sem deixar mais uma vez a sua formação escolar de lado?

O professor Jurandir é formado no Curso de Ciências há mais ou menos quinze anos, e professor há dez anos naquela escola. Jurandir é aquele professor que se preocupa com a formação dos seus alunos. Mesmo ensinando tanto no fundamental como na EJA, ele percebe que os perfis de alunos são diferentes e, por isso, usa de sua criatividade para chamar a atenção de seus alunos para o assunto estudado.

De todos os alunos que estão matriculados na EJA durante esse ano, um caso de aluna o chamou atenção, o de Maria. Ele começou a observar o comportamento da aluna dentro de sala de aula e percebeu que embora ela goste da sua disciplina, nem sempre consegue acompanhar as aulas por ser pega diversas vezes dormindo nas aulas dos outros professores. Conversou com os outros professores e percebeu que o discurso deles era sempre igual. Diziam que ela dormia em todas as aulas, que não fazia os exercícios pedidos e que tirava notas muito baixas por não prestar atenção nas aulas. Mas que para os professores, eles estavam fazendo o seu papel e era ela que não queria estudar, afinal se quisesse realmente estudar não dormiria na aula, não estaria na EJA e já teria terminado os seus estudos. Pra ele aquilo foi devastador, colocar a culpa somente para o aluno, sem repensar a postura, enquanto professores.

Diante dessa situação, Jurandir começou a ser questionar se um dos problemas da evasão escolar, juntamente com o baixo rendimento dos alunos não era consequência da forma como os professores estavam desenvolvendo as suas atividades de ensino. O público alvo da EJA é constituído justamente de pessoas que não conseguiram terminar seus estudos durante a infância, por algum motivo, e são alunos que, geralmente, passam o dia todo trabalhando para, à noite, conseguirem estudar. Então, como fazer para que aqueles professores comesçassem a enxergar as necessidades desses alunos em vez de ensinarem como se estivessem a dar aulas para as crianças do ensino fundamental? Como fazer os professores refletirem sobre a sua prática em sala de aula?

Com base neste caso, passaremos a discutir, no próximo tópico deste trabalho, as ideias centrais que justificam a nossa reflexão em torno do tema proposto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Se considerarmos a Educação de Jovens e Adultos do ponto de vista da atuação do Estado, isto é, do ponto de vista das políticas públicas educacionais voltadas para a erradicação do analfabetismo e democratização das oportunidades educacionais para quem não teve acesso a elas na idade própria, chegaremos à conclusão de que a sua história é recente. Nesse sentido, tomaremos como ponto de partida deste artigo o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), fundado em 15 de dezembro de 1967, nos primórdios do governo militar instituído em 1964.

Antes de prosseguirmos com a abordagem sobre o MOBRAL faz-se necessário ressaltar que, antes do referido programa, já haviam sido criadas outras iniciativas voltadas para a alfabetização de jovens e adultos. Considerando a limitação deste trabalho em abordar um tema de tamanha complexidade, nos ateremos a comentar apenas uma dessas iniciativas, exatamente a que consideramos mais importante e representativa do anseio popular por educação. Trata-se do projeto de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire, o qual partia de uma metodologia inovadora que consistia em explorar a própria realidade [social] dos discentes no processo de aprendizagem (FREIRE, 1987). Para tanto, se partia das chamadas palavras geradoras, que podem ser entendidas como vocábulos do conhecimento dos discentes e que podem ser explorados pelo professor como pontos de partida do processo de ensino. Dava-se, portanto, grande importância aos conhecimentos prévios dos alunos.

O que se convencionou chamar de *método Paulo Freire* dava ênfase às classes populares [oprimidos] e tinha por objetivo construir a consciência crítica sobre a realidade na qual estavam inseridos, ou seja, era uma proposta libertadora (FREIRE, 1987). Talvez por isso mesmo [ser libertador], o projeto de Paulo Freire foi interrompido tão logo iniciado o regime militar, em 1964. Com este regime foi criado o MOBRAL. O programa pretendia acabar com o analfabetismo em curto espaço de tempo.

Surgido posteriormente ao método de Paulo Freire, o MOBRAL usava esse método como base, embora os objetivos não fossem os mesmos que os idealizados pelo seu fundador. Ou seja, partia-se praticamente das mesmas estratégias metodológicas, mas com objetivos e interesses diferentes. Ao contrário do projeto de alfabetização de Paulo Freire, o MOBRAL não visava conscientizar as pessoas. Podemos dizer que a proposta de Freire (1987) era crítica e a proposta do MOBRAL era técnica, pois almejava apenas erradicar os índices de analfabetismo sem, no entanto, promover uma educação libertadora. Vejamos o que Horiguti (2009, p. 04) diz sobre isso:

Acreditamos que o “método” de Paulo Freire e o MOBRAL baseiam-se em filosofias e metodologias totalmente opostas - enquanto o primeiro procura partir dos conhecimentos prévios dos alunos, levando em consideração suas experiências de vida, suas particularidades, e a partir destes pontos ocorre o trabalho com os conteúdos de ensino, no segundo, houve uma massificação e imposição dos conteúdos, sem atentar às diferenças regionais e singularidades dos alunos.

Como podemos perceber, o MOBRAL reinventou a filosofia e a metodologia da proposta de Paulo Freire, chegando ao ponto de invertê-las completamente. Apesar disso, há

que se reconhecer a importância desse movimento como um dos principais precursores das políticas públicas educacionais voltadas para a educação de adultos. Com o MOBREAL tem-se, portanto, a instituição de uma política, no Brasil, voltada para a Educação de Jovens Adultos.

Criado pela Lei nº 5.379/67, o MOBREAL se estendeu até 1985. De acordo com Beluzo e Toniosso (2016, p. 05), O Mobral foi fundado com algumas metas consideradas de grande importância para toda a população adulta analfabeta da época. Na concepção educacional do regime militar, tinha como seus principais objetivos: erradicar o analfabetismo, integrar os analfabetos na sociedade, dar oportunidades a eles através da educação, buscando assim, benefícios para a população menos favorecida economicamente e principalmente a alfabetização funcional, com a aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculos matemáticos. Porém, como toda instituição, o Mobral possuía objetivos gerais.

O MOBREAL surge, pois, não como um ato de generosidade do governo militar, como uma medida emergencial necessária. O que estava em foco eram interesses do Estado e não da população. Caso contrário o objetivo do programa seria emancipar os cidadãos e não apenas ensinar a ler e escrever funcionalmente. O que existia de fato era uma prática de ensino voltada para a memorização de conceitos. Disciplinas como história e geografia eram vistas apenas como enumeração de fatos e memorização de dados e fatos históricos, ou seja, ensinava-se praticamente a ler e a escrever, sem uma perspectiva de formação humana ampliada.

Apesar de o analfabetismo ser um problema antigo, podemos afirmar que ainda nos dias atuais esse é um grande desafio a ser superado. De acordo com o censo de 2010 do IBGE¹, houve uma queda na taxa de analfabetismo. A estatística nos mostra que a taxa de analfabetismo passou de 12,8%, em 2000, para 9%, em 2010. Percebemos que o número de analfabetos já diminuiu, mas ao mesmo tempo, somos forçados a admitir que ainda é pouco. Ou seja, 9% de analfabetos ainda é um percentual muito grande, se considerarmos a densidade populacional do nosso país. Portanto, ainda estamos longe de erradicarmos o analfabetismo, uma vez que ainda temos um número muito alto de analfabetos, os quais, segundo o IBGE, estão concentrados principalmente na região Nordeste.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, aprovadas pela resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000, afirma que, assim como o Ensino

¹ IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é uma entidade pública responsável pela pesquisa e gerenciamentos dos dados e estatísticas brasileiras. É responsável pelo **censo demográfico da população**.

Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos faz parte da Educação Básica. No art. 2º da referida resolução é dito que a EJA é entendida [...] como modalidade da Educação Básica nas etapas dos ensinos fundamental e médio, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em especial dos seus artigos 4º, 5º, 37, 38, e 87 e, no que couber, da Educação Profissional.

Essa resolução nos mostra como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) está estruturada e que a mesma obedece à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). De acordo com o art. 18:

Respeitado o Art. 5º desta Resolução, os cursos de Educação de Jovens e Adultos que se destinam ao ensino fundamental deverão obedecer em seus componentes curriculares aos Art. 26, 27, 28 e 32 da LDB e às diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental.

Pelo que podemos entender, essa resolução amplia a concepção de Educação de Jovens e Adultos para além da aquisição funcional das habilidades da leitura e da escrita. Dessa vez é lançada uma política pública que objetiva atingir toda a população.

Para que os jovens e adultos tenham direito a essa modalidade de educação há alguns requisitos são obrigatórios. O primeiro deles se refere à idade mínima para a inscrição no ensino fundamental da EJA, ou seja, o segundo segmento. Os alunos devem ter a idade mínima de quinze anos completos. Isso contempla as pessoas que, por algum motivo, não terminaram seus estudos ou que ficaram atrasados em algumas séries e querem recuperar esse período perdido. A nosso ver essa mudança conceitual, de objetivos e de critérios é importante, uma vez que garante que essa modalidade de ensino realmente chegue àqueles que dela precisam.

Recordando o caso de ensino apresentado no início deste artigo, podemos refletir sobre o motivo que levou Maria a ingressar na EJA:

Maria é uma adolescente que está mais uma vez tentando voltar a estudar. Repetente várias vezes durante o ensino fundamental, foi obrigada mais uma vez a deixar seus estudos por causa de uma gravidez na adolescência. Filha de pais separados, Maria desde pequena nunca teve muito gosto pelos estudos, mesmo sua mãe a obrigando a ir à escola. Com 16 anos ela ainda estava no sétimo ano do fundamental (Caso de ensino).

Percebemos que inúmeros motivos levaram Maria a abandonar o percurso regular de estudos, o que a levou a ingressar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos como uma

forma de recuperar o tempo perdido e prosseguir nos estudos, capacitando-a para realizar os seus sonhos.

É preocupante o fato de que muitos alunos se evadem da escola e não concluem o percurso escolar na educação básica regular. Para esses alunos a EJA pode ser vista como uma forma de recuperarem de alguma forma o tempo perdido com a evasão escolar. Embora seja uma modalidade tão importante, ela enfrenta vários problemas, que podem variar desde a desistência dos alunos por motivos de trabalho, problemas familiares ou a não identificação com a escola/estudos até ou também pelo fato de existirem muitos problemas estruturais na oferta dessa modalidade de ensino. Assim, por exemplo, a própria escola nem sempre é adequada (estruturalmente e funcionalmente) e nem os professores são adequadamente habilitados para ministrarem aulas nessa modalidade específica.

Por todas essas considerações, entendemos que é importante ressaltar o perfil dos alunos da EJA. Assim, percebemos que, para Maria voltar aos estudos seria muito complicado, pois ela teria que enfrentar muitos obstáculos, incluindo o fato de ter que conciliar os estudos com a sua maternidade, entre outros problemas existentes em sua família.

Não podemos esquecer que essa modalidade de ensino é composta principalmente por alunos que trabalham, são desempregados, são donas de casa, idosos, entre outras categorias. Assim, entendemos que para que esses alunos se mantenham ativos na escola é necessário, além das condições adequadas da escola (como instalações adequadas), uma boa qualificação docente para atuar com esse público. Além disso, é necessário que os alunos realmente queiram adquirir novos conhecimentos e concluir o seu percurso escolar, apesar das dificuldades que possam vir a enfrentar. Isso é importante por que, segundo Freire (1987, p. 35),

Desde o começo mesmo da luta pela humanização, pela superação da contradição opressor oprimidos, é preciso que eles se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total. É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se”. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina.

Muitos jovens e adultos passaram a frequentar a EJA depois de ter abandonado os estudos em busca de emprego, mas com o passar do tempo conseguem entender que a educação é necessária para conseguir um emprego melhor e voltam a procurar a escola. Para Charlot (2014, p. 40),

Hoje em dia, a formação, que era e permanece um direito fundamental do ser humano, e o diploma, que supostamente protege o trabalhador contra uma exploração exagerada da sua força de trabalho, viraram a maldição dos mais fracos: quem pouco frequentou a escola ou nela fracassou, quem não completou o ensino médio, quem não tem diploma não consegue emprego.

A partir do que afirma Charlot (2014) na citação acima, podemos compreender que essas pessoas não voltam para a escola apenas em busca de realizar sonhos, infelizmente a sociedade obriga as pessoas que querem uma profissão e um melhor trabalho, a estudar em busca de qualificação e diploma, para que assim possam disputar uma vaga no mercado de trabalho tão concorrido.

A sociedade de hoje dá muito mais importância ao trabalho docente do que antes. Hoje suas práticas são avaliadas e discutidas, de modo que o seu trabalho seja satisfatório e eficiente, no que diz respeito à aprendizagem dos alunos. Segundo Charlot (2014, p. 47),

Hoje em dia, o professor já não é um funcionário que deve aplicar regras predefinidas, cuja execução é controlada pela sua hierarquia; é, sim, um profissional que deve resolver os problemas. A injunção passou a ser: “Faça o que quiser, mas resolva aquele problema”. O professor ganhou uma autonomia profissional mais ampla, mas, agora, é responsabilizado pelos resultados, em particular pelo fracasso dos alunos.

Assim, o professor deve possuir um conhecimento capaz de despertar o interesse do aluno, com atividades adaptadas à realidade do nosso dia a dia, haja vista que um mundo com tantas mudanças requer uma educação adequada para a sociedade que nele habita. Os inúmeros problemas sociais que atingem a escola, as tecnologias presentes no nosso meio e o mercado de trabalho cada vez mais exigente, requerem um professor que consiga despertar o interesse do aluno inserindo-o nesse contexto.

Considerando as exigências sociais é que refletimos sobre as práticas pedagógicas da EJA. Será que Maria, citada no nosso caso de ensino, acredita que a EJA será o ponto de partida para seu sucesso escolar e será que a escola que ela frequenta está preparada para recebê-la? O Professor consegue, em suas práticas cotidianas, inserir essa jovem nas aulas, sendo que passa por muitos problemas durante o dia, até a hora da aula?

Maria nunca teve muito gosto pelos estudos. Com uma gravidez na adolescência aos 16 anos, foi expulsa de casa e teve um casamento sem sucesso. Resolve voltar a estudar na EJA, uma modalidade de ensino que, como já vimos, recebe pessoas que voltam aos estudos depois de uma desistência, por algum motivo pessoal ou um fracasso escolar. Esse é um caso comum na EJA, pois é uma forma mais rápida para se dá continuidade aos estudos

interrompidos, adaptando seu horário com os compromissos que muitos dos alunos tem durante o dia. Com uma grande responsabilidade, o professor deve incluir esse aluno de modo a não fracassar, precisando incentivá-los permanentemente. No caso de Maria, tentando fazer com que gere sentidos favorecedores da aprendizagem, que ela desenvolva gosto por esta atividade, compreendendo a importância dele para sua vida e como também para a realização de seus futuros sonhos.

As práticas de ensino na EJA, além de atender às expectativas dos alunos, tem que se adaptar a outros aspectos da vida dos mesmos, haja vista que, infelizmente, os estudos não estão em primeiro lugar para esses alunos, que muitas vezes tem que trabalhar para sustentar a família. Para Perrenoud (1995, p. 30),

Se o professor não consegue sempre mobilizar a atenção e as energias, se a atividade que propõe não são sempre tão significativas como desejaria, não porque as crianças e os adolescentes sejam apáticos e não se interesse por nada. É que eles têm outros desafios outros projectos, que os mobilizem muito mais e que os parecem bem mais significativos que a ficha de matemática ou a composição que lhes é proposta.

Segundo a perspectiva de Perrenoud, o professor tem o desafio de fazer com que as atividades se tornem significativas para crianças e adolescentes, pois fora do contexto escolar existem muitas coisas que despertam a atenção dos alunos, chegando, muitas vezes, a competir com os atrativos da escola. Isso se dá principalmente na EJA, pois conforme já foi visto no texto, os alunos dessa modalidade são pessoas que trabalham durante o dia, por já serem idosos e donas de casa.

O professor é fundamental para o sucesso do processo de ensino e de aprendizagem na EJA. Podemos perceber isso no caso de ensino citado, no qual o professor Jurandi, formado a mais de quinze anos em ciências e atuando a mais de dez anos na escola, realiza um bom trabalho, pois se preocupa com a formação e sabe que o perfil dos alunos é diferente e que, portanto, é importante adaptar as práticas de ensino para o melhor aprendizado dos alunos.

Considerações finais

É importante salientar que as transformações acontecem numa escala temporal que nos ajuda a entender as mudanças que ocorrem no espaço. Por isso queremos destacar aqui, que assim como existe a dinamicidade no nosso mundo é preciso que se pense em novos modelos de ensinar, novas metodologias. Muitas vezes, pensamos que a mudança só deve

partir da escola ou que os alunos devem ser mais comprometidos com o estudo, mas no meio desse percurso, nos perdemos e deixamos de analisar e esquecemos de avaliar como está a nossa prática pedagógica em sala de aula. Por isso, o papel do professor consiste também em buscar novas metodologias e técnicas de ensinar que consigam responder as questões do mundo atual no qual vivemos.

O debate consistiu também num estudo de caso sobre uma aluna da EJA, na qual a história relatada foi um caso real. O perfil dos alunos da EJA nos mostrou que eles são pessoas que buscam um futuro melhor através dos estudos. A EJA se mostra como uma oportunidade para alcançar esse objetivo. Conhecer o perfil do aluno da Educação de Jovens e Adultos e das turmas se torna uma boa ferramenta para que o professor trace novas metodologias de ensino.

Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos são pessoas que não conseguiram estudar na infância, que largaram seus estudos por vários motivos, que trabalham, que têm família (filhos, esposa, marido) para sustentar. Por esse motivo viram a EJA como uma oportunidade para retomar seus estudos a fim de conseguir uma melhor escolaridade para que num futuro próximo tenham uma melhor condição de vida. Por isso, a importância de ser ter novas metodologias de ensino voltadas para esse perfil.

O que almejamos nessa pesquisa foi incentivar a busca de reflexões voltadas para a educação principalmente para as pessoas que se encontram fora da faixa etária escolar. Que se pense e discuta novos métodos, técnicas e metodologias de ensino para que a escola realmente seja de todos e para todos. Para que o objetivo do processo de formação do aluno seja muito mais do que ensinar os conceitos das disciplinas, que seja também prepará-los e ajudá-los no cotidiano externo à sala de aula, ou seja, sua vida fora dos muros da escola, a fim de que os alunos sejam pessoas capazes de refletir sua importância para com a sociedade em que vive. Que essa pesquisa traga reflexões favorecedoras de um trabalho na busca de uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

BELUZO, Maira Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2 (1):196-209, 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 7.ed. São Paulo: Papirus, 2005. (Coleção Magistério, formação e trabalho pedagógico).

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

DUEK, Viviane Preichardt. **Educação Inclusiva e Formação Continuada: contribuições dos casos de ensino para os processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HORIGUTI, Angela Curcio. **Do mobral ao PROEJA: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Profissional integrada à Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2009. Disponível em: <http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201051103752984angela_curcio_horiguti%E2%80%A6.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

NETO, Fernanda Borges. **A Geografia Escolar do Aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino**. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado sobre pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias, 4 ed. Paraná, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de professor e sentido do trabalho escolar**. Tradução de Júlia Ferreira e José Cláudio. Porto: Porto Editora, 1995.

PRADO, Di Paula Ferreira; REIS, Sônia Maria Alves De Oliveira. **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam os sujeitos?** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos. – Brasília: UNESCO, 2010.

RIOS, Erika Carolina dos Santos Vieira. **A inserção da informática na EJA**. Conhecimento em Destaque, Serra, ES, v. 3, n. 7, jul./dez. 2014.